

AS INSURGENTES NEGRAS PALAVRAS E IMAGENS: CAROLINA MARIA DE JESUS & JEFERSON DE

BLACK INSURGENTS WORDS AND IMAGES: CAROLINA MARIA DE JESUS & JEFERSON DE

LAS INSURGENTES NEGRAS PALABRAS E IMÁGENES: CAROLINA MARIA DE JESÚS Y JEFERSON DE

 <https://doi.org/10.56238/arev7n7-212>

Data de submissão: 16/06/2025

Data de publicação: 16/07/2025

Eliesio Costa Lima

Doutorando em Letras

Instituição: Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

E-mail: eliesiocosta2000@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-2498-606X>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2496541324385758>

Maria da Guia Taveiro Silva

Doutora em Linguística

Instituição: Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)

E-mail: maria.silva@uemasul.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6520-1845>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1232401137711458>

Gilberto Freire de Santana

Doutor em Letras

Instituição: Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)

E-mail: gilbertosantana@uemasul.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3018-3018>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6150134001200551>

RESUMO

Este trabalho faz parte do projeto de pesquisa “Permutas estéticas”, desenvolvido na UEMASUL, que tem como foco as questões relacionadas ao ensino e ao processo de adaptação na literatura, no cinema e em outras artes. Especificamente, este trabalho realizou uma análise do livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014) de Carolina Maria de Jesus, bem como do filme *Carolina* (2003), de Jeferson De, buscando estabelecer diálogos produtivos e transformadores relacionados à representação e autorepresentação do negro e, principalmente, da mulher negra, na literatura e no cinema. Também buscou-se desenvolver e listar possíveis estratégias de utilização das duas obras analizadas na sala de aula. O trabalho foi fundamentado em autores como Hutcheon (2013), que discute a adaptação, Ribeiro (2020) e Almeida (2020), que discute a questão do racismo estrutural, Evaristo (2009), que traz importantes contribuições a respeito da presença negra feminina na literatura brasileira; e também desenvolveu-se um breve estudo sobre a questão do negro no cinema brasileiro, especialmente a mulher negra, a partir do livro *Dogma da feijoada* de De (2005), e outros teóricos.

Palavras-chave: Adaptação Cinematográfica. Racismo. Feminismo.

ABSTRACT

This work is part of the research project “Aesthetic Exchanges,” developed at UEMASUL, which focuses on issues related to teaching and the process of adaptation in literature, cinema, and other arts. Specifically, this work analyzed the book *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014) by Carolina Maria de Jesus, as well as the film *Carolina* (2003) by Jeferson De, seeking to establish productive and transformative dialogues related to the representation and self-representation of black people, and especially black women, in literature and cinema. It also sought to develop and list possible strategies for using the two works analyzed in the classroom. The work was based on authors such as Hutcheon (2013), who discusses adaptation, Ribeiro (2020) and Almeida (2020), who discuss the issue of structural racism, Evaristo (2009), who makes important contributions regarding the presence of black women in Brazilian literature; and a brief study was also developed on the issue of black people in Brazilian cinema, especially black women, based on the book *Dogma da feijoada* by De (2005), and other theorists.

Keywords: Film Adaptation. Racism. Feminism.

RESUMEN

Este trabajo forma parte del proyecto de investigación «Permutas estéticas», desarrollado en la UEMASUL, que se centra en cuestiones relacionadas con la enseñanza y el proceso de adaptación en la literatura, el cine y otras artes. En concreto, este trabajo realizó un análisis del libro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014) de Carolina Maria de Jesus, así como de la película *Carolina* (2003), de Jeferson De, con el fin de establecer diálogos productivos y transformadores relacionados con la representación y la autorrepresentación de los negros y, principalmente, de las mujeres negras, en la literatura y el cine. También se buscó desarrollar y enumerar posibles estrategias para utilizar las dos obras analizadas en el aula. El trabajo se basó en autores como Hutcheon (2013), que analiza la adaptación, Ribeiro (2020) y Almeida (2020), que aborda la cuestión del racismo estructural, Evaristo (2009), que aporta importantes contribuciones sobre la presencia de la mujer negra en la literatura brasileña; y también se desarrolló un breve estudio sobre la cuestión de los negros en el cine brasileño, especialmente las mujeres negras, a partir del libro *Dogma da feijoada* de De (2005) y otros teóricos.

Palabras clave: Adaptación Cinematográfica. Racismo. Feminismo.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A utilização da linguagem audiovisual no ensino suscita discussões incessantes. A principal delas se organiza em torno da utilização crítica das imagens e sua validade no processo de aprendizagem. O uso das mídias digitais como a televisão, a internet e o cinema, cada vez mais presente na vida das pessoas, são uma forma de difusão imediata de conteúdos, conhecimentos, que muitas vezes motivam críticas e debates sobre o uso mais correto dessas informações difundidas.

Nesse sentido, cabe estabelecer uma premissa básica que transforme a experiência social e cultural do cinema em uma experiência de conhecimento escolar. Levando isso em consideração, a presente pesquisa dedicou-se ao estudo das adaptações, um recurso da arte cinematográfica que pode contribuir significativamente para o campo pedagógico, uma vez que o professor pode explorar os diversos exercícios intertextuais das obras, literárias e cinematográficas, para fazer com que os alunos reflitam sobre as conexões e diálogos entre o texto escrito e a linguagem imagética.

Além disso, por ser um elemento capaz de provocar a curiosidade do aluno, a linguagem cinematográfica pode facilitar o ensino-aprendizagem, e tornar as aulas mais atrativas para os estudantes, podendo também, incentivar a leitura, uma vez que isso pode despertar o interesse dos alunos em conhecer os livros que inspiraram os filmes.

No tocante à adaptação, Hutcheon (2013) a descreve como sendo “uma transposição declarada de uma ou mais obras reconhecíveis; um ato criativo e interpretativo de apropriação/recuperação; um engajamento intertextual extensivo com a obra adaptada” (Hutcheon, 2013, p. 30). Isso implica dizer que a adaptação sempre envolve um processo de recriação e reinterpretação de uma obra, e uma permutação que pode variar de gênero, foco ou mídia, conforme a proposta do adaptador e as expectativas do público receptor.

Diante disso, o presente estudo, direcionado principalmente às questões étnico-raciais, buscou estudar a criação do filme *Carolina* (2003) de Jeferson De, a partir do livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014), de Carolina Maria de Jesus, fazendo uma análise/leitura do livro e do filme, e trazendo à tona os discursos e representações do negro, assim como a questão do racismo estrutural, entre outros. Também objetivou-se observar as possíveis influências culturais-artísticas presentes na dinâmica de criação do filme, bem como, o percurso criativo dos roteiristas, e os diversos diálogos que essa adaptação mostra quanto à realidade vivida por Carolina, em seu livro depoimento.

Por fim, a partir dos dados coletados, foram listadas possíveis estratégias pedagógicas para a sala de aula a partir do filme e do livro, que podem ser úteis para incentivar os alunos a conhecerem a literatura afro-brasileira, se distanciando dessa maneira, dos padrões já conhecidos, isto é, dos

“clássicos” literários que, conforme se sabe, foi formado a partir de uma perspectiva que excluiu, em boa parte, as literaturas de autoria feminina e, nesse caso, principalmente da mulher negra.

A metodologia utilizada nesta pesquisa inicialmente consistiu na leitura do livro *Quarto de despejo* (2014) de Carolina Maria de Jesus, e da obra cinematográfica *Carolina* (2003) de Jeferson De, consultando diversas vezes as duas obras e resenhando-as. Em seguida, foram realizadas as leituras de textos teóricos como *Lugar de fala*, de Ribeiro (2020), *Escritos de uma vida*, de Carneiro (2023), *Poemas da recordação* (2017), de Evaristo e outros que dizem respeito à raça, à representação do negro e ao feminismo.

Em seguida, realizou-se um estudo sobre a questão da negritude no cinema brasileiro, a partir do livro *Dogma da feijoada, o cinema negro brasileiro* de De (2005) e de outros teóricos, bem como um estudo sobre a adaptação filmica, a partir do livro *Uma teoria da adaptação*, de Hutcheon (2013). Na etapa final da pesquisa, foi realizada a análise do livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014) e do filme *Carolina* (2003), de Jeferson De, listando ainda algumas estratégias pedagógicas de uso do livro e do filme na sala de aula. A metodologia utilizada, portanto, foi a qualitativa, pois objetivou-se estudar as questões sociais presentes nas duas obras analisadas.

2 A SUBALTERNIZAÇÃO DA MULHER COMO UM PROCESSO HISTÓRICO

Por séculos as mulheres foram impedidas de ter autonomia sobre si e seus próprios destinos. Tudo era decidido sob o poderio masculino. Como afirma Carneiro (2023):

Fomos privatizadas por longos tempos, confinadas ao espaço feminino, da cozinha, do lar dos haréns. Aí aprendemos a compartilhar dores, medos e inseguranças desconhecidos pelos homens; e isso nos ensinou outro tipo de solidariedade e de sociabilidade que devemos aportar a um Tempo Feminino. Compartilhar é um verbo que as mulheres conjugam em maior escala do que os homens, e de um jeito mais doce. Às vezes fazendo doces para adoçar os homens e os filhos (Carneiro, 2023, p. 115).

A autora destaca como o confinamento a espaços limitados em trabalhos domésticos e “haréns”, simbolizando os lugares de controle masculino, fez com que as mulheres passassem por situações de dores, medos mas também desenvolvessem estratégias de compartilhamento coletivo. Isso foi necessário para suportar tais situações de sofrimento. Esses confinamentos em algus espaços e em determinados papéis sociais fez com que se consolidasse ainda mais uma divisão histórica de funções políticas, profissionais e até acadêmicas.

Enquanto os homens ocupavam todos esses espaços sociais, as mulheres eram incumbidas de exercer apenas as tarefas domésticas, como limpar os espaços compartilhados, cuidar dos filhos, cozinhar, manter a saúde da família, entre outras atividades que se restringiam aos papéis de esposa e

mãe. Consequentemente, surgiram diversos estereótipos de gênero, como o de que os homens têm maior capacidade no trabalho, são mais ativos, mais fortes, e que têm suas atitudes sempre dominadas pela racionalidade, enquanto as mulheres são o sexo frágil, dominadas pela emoção, e dotadas de pouca inteligência.

Dessa forma, houve uma subalternização da mulher nos espaços públicos ao longo dos séculos, de modo que até hoje, depois de alguns avanços em relação à inserção da mulher na sociedade e no mercado de trabalho, a participação da mulher nos espaços sociais ainda é marcada pelo preconceito. Para Franciscani (2010, p. 12): “É provável que um dos maiores dilemas no mercado de trabalho seja a inclusão da mulher como mão de obra preparada e qualificada. Até não muito tempo o lugar da mulher era no seio de seu lar ‘cuidando de sua família’.” Franciscani (2010) descreve uma realidade presente ainda nos dias de hoje. Ainda que a mulher tenha adquirido, com muita luta, o direito de estudar e se qualificar, a sua exclusão dos espaços de protagonismo e a sua atuação na vida pública se agravam devido à construção do ideal feminino construído no campo simbólico e cultural sob a perspectiva masculina.

Vê-se que a participação das mulheres nas artes, por exemplo, foi limitada no decorrer da história. Na literatura ocidental, o cânone literário foi construído principalmente por homens e, assim, a representatividade feminina na literatura também foi, durante muito tempo, construída por escritores masculinos, uma vez que eles eram os responsáveis pela criação das personagens femininas que, geralmente, eram caracterizadas pela sua ternura, fragilidade, e assumiam papéis limitados às funções de mães e esposas.

No caso da literatura brasileira, a mulher também não teve nenhum reconhecimento, sobretudo, a mulher negra, que desde o período colonial foi estereotipada pela construção de discursos literários produzidos por homens brancos. Como destaca Evaristo (2009, p. 23), “A ficção ainda se ancora nas imagens de um passado escravo, em que a mulher negra era considerada só como um corpo que cumpria as funções de força de trabalho, de um corpo-procriação de novos corpos para serem escravizados e/ou de um corpo-objeto de prazer do macho senhor.” Assim, devido a essas imagens que circularam (e ainda circulam) na literatura nacional, criaram-se diversos estereótipos que contribuíram para fortalecer o racismo e para excluir essa mulher dos espaços sociais. É fundamental, diante desse contexto, buscar formas de romper com o racismo e a consequente invisibilização da mulher negra.

Djamila Ribeiro sugere, em seu livro *Lugar de fala* que, para reverter esse quadro no qual a mulher é marginalizada, é fundamental que se realizem discussões, debates, e movimentos de luta contra a hegemonia masculina, pois ela afirma: “Se não se nomeia uma realidade, nem sequer serão

pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível” (Ribeiro, 2020) p. 41). Levando isso em consideração é que este estudo se propõe a discutir sobre o protagonismo de Carolina Maria de Jesus, com seu livro *Quarto de despejo* (2014), bem como sobre outras mulheres que refletem a força feminina no cinema brasileiro, a fim de contribuir para o resgate e fortalecimento da identidade feminina e a identidade negra de nosso país.

3 CAROLINA MARIA DE JESUS, ENTRE LUTAS E LABUTAS

“Todas as manhãs tenho os punhos
sangrando e dormentes
tal é a minha lida
cavando, cavando torrões de terra,
até lá, onde os homens enterram
a esperança roubada de outros homens”
(Conceição Evaristo em *Poemas da recordação e outros movimentos*, 2017).

Carolina Maria de Jesus, autora do livro *Quarto de despejo*, é uma das primeiras autoras negras brasileiras a ganhar destaque no país. Conforme Gonçalves (2014), Carolina Maria de Jesus nasceu em 1914 em Sacramento, Minas Gerais, estudou até o segundo ano primário, trabalhou como doméstica e, em 1937, mudou-se para São Paulo. Ali, ainda conforme Gonçalves (2014), trabalha também como doméstica em cortiços da cidade e depois, já na favela do Canindé, passa a trabalhar como catadora, sendo essa a sua principal atividade exercida no período que passou em São Paulo.

Devido a sua curiosidade em ler papéis que recolhia do lixo, ou ler notícias em bancas de jornal que encontrava nas ruas de São Paulo, desenvolveu-se uma Carolina amante de livros, da palavra. Os papéis que recolhia nas ruas, dos quais o destino era, inicialmente, o descarte, são reaproveitados de maneira que tornam-se terra fértil onde Carolina escava a sua própria existência, e ali planta sementes de esperança. Carolina, no ato de escrever seu diário, expressa suas dores, medos, sonhos, tece críticas à realidade política da época e faz das palavras o seu lugar de fala, buscando nelas uma escuta de sua voz silenciada. Em um mundo em que, como destacam os versos de Evaristo (2017), os homens enterram aquilo que tiram de outros, Carolina faz o inverso, escavando aquilo que tentam roubar dela: a dignidade, a liberdade e a sua voz.

Carolina encontrou em seus diários a liberdade de expressar suas percepções e se posicionar sobre assuntos diversos. Desafiando a condição de exclusão em que vivia e expondo mazelas sociais como o racismo, machismo e a miséria, predominantes para aqueles que vivem à margem da sociedade. Seus diários tornaram-se assim, um texto que de grande importância literária e social. Mas além de utilizar os papéis para escrever suas experiências diárias, Carolina também encontrou neles

sua fonte de renda, retirando dali o sustento para si e seus três filhos: João José de Jesus, José Carlos de Jesus e Vera Eunice de Jesus.

Em 1958, o jovem jornalista Audálio Dantas, que fazia uma reportagem sobre a expansão das favelas nas margens do Tietê, encontra Carolina e descobre que ela escrevia um diário (Gonçalves, 2014). Surpreso com o fato, o jornalista decide deixar sua matéria sobre as favelas e, em vez disso, passa a produzir uma matéria sobre os diários de Carolina, de modo que em 1960 a compilação de seus diários é finalizada e publicada (Gonçalves, 2014).

O título *Quarto de despejo*, foi atribuído à obra pela autora, que explicou se tratar de uma alusão à favela. Na visão dela, um lugar esquecido pelas autoridades políticas, lugar esse onde se jogavam os “trastes velhos”, isto é, a população pobre. A edição do livro foi feita pelo repórter Audálio Dantas, que leu cada um dos 20 diários da autora e os revisou, retirando alguns textos considerados por ele como exaustivos. Como ele afirma, “A repetição da rotina favelada, por mais fiel que fosse, seria exaustiva. Por isso foram feitos cortes, selecionados os trechos mais significativos” (Dantas, 2014, p. 6). Contudo, a fala de Dantas pode ser questionada, pois tal feito pode ter retirado de Carolina, ainda que apenas em parte, a sua autonomia em escrever seu próprio livro segundo as suas percepções, sendo mediada por um homem branco que não viveu as suas experiências, e que ao editar seus textos, pode ter feito interferências significativas em sua narrativa sensível.

Quarto de despejo (1960), é a primeira obra de Carolina a ser publicada e se torna um grande sucesso editorial, sendo um dos *best-seller* nos anos de 1960. Compilado a partir de seus diários, nas palavras de Audálio Dantas, o livro continha relatos impactantes sobre a favela, “a visão de *dentro* da favela” (Dantas, 2014, p. 6), e por isso, chamou bastante atenção do público em geral, que, conforme as palavras de Dantas, via a escritora e seu diário como um “bicho estranho que se exibia” (Dantas, 2014, p. 7). Essa curiosidade coletiva das pessoas em ver uma escritora negra publicar um livro, algo incomum na época, conferiu um sucesso temporário à autora, o suficiente para ela deixar a favela do Canindé, mas a autora, ainda assim, finda sua vida pobre.

Apesar do grande sucesso de seu livro, que possibilitou, ainda na primeira semana de publicação, a venda de 10 mil exemplares, e ganhou sucessivas tiragens, de maneira que em seis meses, chega a um total de 100 mil exemplares (Gonçalves, 2014), Carolina termina sua vida quase esquecida pelo público e pela imprensa.

Depois de *Quarto de despejo*, foram publicados ainda outros livros de sua autoria, *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961), *Pedaços da fome* (1963), *Provérbios* (1963), entre outros. Contudo, nenhum desses lhe conferiu sucesso como o primeiro. Contudo, a autora deixou um legado para as futuras gerações: de uma mulher negra forte, que desafiou os limites que a sociedade

lhe impôs, e construiu seu próprio espaço de fala por meio da escrita, deixando também uma importante contribuição para a literatura brasileira.

3.1 QUARTO DE DESPEJO: AS PALAVRAS DE RESISTÊNCIA DE CAROLINA

“Não tenho força física, mas as minhas palavras ferem mais do que espada. E as feridas são incicatrizáveis (Carolina Maria de Jesus em *Quarto de despejo*, 2014).

Como já mencionado, no início deste estudo, a voz da mulher, sobretudo, da mulher negra, tem sido silenciada na história e na literatura ao longo de séculos. Somente o homem, principalmente o homem branco, recebeu todo o prestígio, tanto na escrita, como em todas as outras áreas de influência na sociedade. Enquanto escritores brancos, obviamente, faziam/fazem parte dos cânones da literatura brasileira, a autoria feminina, em sua maioria, era/é silenciada, portanto, o ser feminino literário, comumente, era/é construído a partir do olhar masculino, sendo apresentado por uma imagem estereotipada.

Nesse contexto de exclusão social e opressão, para a mulher negra, foi que surgiu, ainda na década de 1960, o livro *Quarto de despejo*, configurando-se como uma escrita de resistência, uma vez que, a obra rompeu com a tradição literária em que somente o homem branco era considerado um sujeito-autor, e expôs ainda as condições precárias em que Carolina viveu enquanto sujeito excluído pelas classes dominantes. Conceição Evaristo argumenta que, “Quando uma mulher como Carolina Maria de Jesus crê e inventa para si uma posição de escritora, ela já rompe com um lugar anteriormente definido como sendo o dela, o da subalternidade” (Evaristo, 2009, p. 28). De fato, Carolina surge de um ambiente pobre, marginalizado e em uma condição que também a marginalizava, sendo uma mulher negra e mãe solteira, sofrendo os efeitos do racismo e o machismo, e tendo que sustentar a si e a seus filhos simultaneamente.

A autora viveu em um ambiente de extrema pobreza, e enfrentou muitas dificuldades durante quase toda a sua vida, como ela mesma relatou: “A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro” (Jesus, 2014, p. 167). Este trecho reflete, além da vida sofrida de Carolina, as adversidades enfrentadas pela pessoa negra na sociedade brasileira, uma sociedade dominada por uma cultura hegemônica eurocêntrica, machista e racista, uma sociedade excludente. Assim, ao dizer que “preto” é a sua vida e o lugar onde mora, a autora revela que vivia em um ambiente de escuridão, ou seja, um ambiente de exclusão social, uma vida marcada pela fome e miséria e, portanto, uma vida sem brilho.

Carolina, uma mulher negra, solteira e mãe de três filhos, era sozinha, responsável por manter a casa e cuidar dos filhos. A única maneira de garantir a sua sobrevivência, e a de sua família, era trabalhar como catadora de papel e outros materiais recicláveis, que vendia, para que pudesse comprar alimentos. Um trabalho cansativo, que às vezes fazia com que ela desejasse fugir daquela realidade: “Eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso: Faz de conta que eu estou sonhando” (Jesus, 2014, p. 29). Já em outros momentos, a autora enfatiza seu orgulho em lutar pela sua sobrevivência: “Ela disse: — A unica coisa que você sabe é catar papel. Eu disse: — Cato papel. Estou provando como vivo!” (Jesus, 2014, p. 20).

Em meio à luta pela subsistência, Carolina se coloca no lugar de escritora, fazendo de seus diários, o seu lugar de resistência à sociedade injusta e excludente. Denunciando o racismo, o machismo, a corrupção política, a invisibilidade a que estava submetida pelo fato de ser uma mulher negra, pobre, e mãe solteira. A escritora, de origem tão humilde, fez-se presente na literatura em uma realidade que se opunha a esse feito, pois não era tão comum que mulheres negras publicassem no Brasil. Ela construiu sua própria identidade enquanto escritora, tornando-se a poetisa de muitas pessoas; a poetisa do povo negro. Como ela afirmou: “Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido.” (Jesus, 2014, p. 39). Segundo Ribeiro (2020, p. 44), “definir-se é um status importante de fortalecimento e de demarcação de possibilidades de transcendência da norma colonizadora,” logo, ao definir seu lugar na sociedade como escritora e poeta, Carolina possibilitou também um grande avanço na história, rompendo com o discurso hegemônico branco, mostrando que a mulher negra também pode falar.

4 JEFERSON DE, VOZES E IMAGENS NEGRAS

Jeferson Rodrigues Rezende (Jeferson De), é um diretor e roteirista brasileiro, nascido na cidade de Taubaté, São Paulo, em 1968. Ele se formou em cinema na Universidade de São Paulo (USP). É um dos principais nomes do cinema negro contemporâneo. Enquanto cineasta, Jeferson De foi o responsável pela criação dos curtas *Distraída para a Morte* (2001), *Narciso Rap* (2004), *Carolina* (2003), que se insere como objeto de análise deste estudo. No ano de 2000, durante o Festival Internacional de Curtas, ele também publicou o manifesto *Gênese do Cinema Negro Brasileiro*, ou *Dogma da Feijoada* (De, 2005).¹

Ao apresentar Jeferson De, Araujo (2005) afirma:

¹ Informações extraídas da contracapa do livro *Dogma da feijoada: o cinema negro brasileiro* (2005), de Jeferson De.

A ele cabe a responsabilidade de botar os pontos nos *is*, como se dizia antigamente, e quando penso o quanto a imagem do negro foi vilipendiada pela cinematografia nacional é de dar arrepios. Quanta gente de talento se perdeu nessa barbárie de preconceitos, de racismo, de lugares comuns nos personagens criados pelo cinema brasileiro, feito de empregadas domésticas, de ladrões, de assassinos cruéis, de personagens históricos distorcidos. Tanto exotismo e tanto folclore (Araujo, 2005, p. 13).

Araujo (2005) reconhece, nesse comentário, que Jeferson De não é apenas um cineasta, mas um agente de mudanças positivas na história do negro no cinema brasileiro, que tem reforçado os estereótipos de lugares comuns aos negros, em funções servis e como criminosos. A contribuição desse cineasta para o cinema brasileiro tem sido muito importante, visto que é um diretor negro que em seus trabalhos tem privilegiado a atuação de mulheres e homens negros no cinema como protagonistas, o que, infelizmente, ainda não é comum no Brasil, devido ao racismo.

A representatividade negra, no cinema brasileiro, quase sempre é acompanhada por estereótipos, conforme destacam Ganzer; Silva e Hermes (2019, p. 8) “A representatividade negra ainda é um impasse na comunicação brasileira. Apesar de o Brasil ser um país majoritariamente negro, o racismo perpetua na sociedade e a representação do mesmo (quando há), vêm em forma de arquétipos e estereótipos”. Portanto, há uma necessidade de que artistas negros estejam engajados nos trabalhos cinematográficos, a fim de que se possibilite a produção de filmes, a partir da presença/atuação desses atores, com a criação de roteiros que anunciem as suas vivências, demandas, existências.

4.1 A CAROLINA DE JEFERSON DE

“Uma negra e uma criança nos braços, solitária na cidade de concreto e aço” (Racionais Mc’s, música *Negro Drama*, 2017)²

O filme *Carolina* é um curta-metragem com 14 minutos de duração, que tem como ponto de referência e inspiração a obra *Quarto de despejo* (1960), de Carolina Maria de Jesus. O curta foi produzido em parceria com a gravadora brasileira Trama. O cineasta Jeferson De é o responsável pela direção e montagem do filme, que estreou em 2003, e as personagens são interpretadas pelas atrizes Zezé Mota, que é a protagonista da trama (interpretando a personagem Carolina), e Gabrielly de Abreu, que interpreta a personagem Vera Eunice.

² Ano referente à postagem da música no canal oficial Racionais TV, no Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=u4lcUooNNLY&list=RDu4lcUooNNLY&start_radio=1. Além disso, a canção também faz parte do filme *Carolina* (2003), de Jeferson De, aparecendo na parte final do curta-metragem.

O filme conta a história de Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra, solteira e mãe, que vive uma vida cercada pela fome, preconceito e racismo na favela do Canindé, onde sozinha sustenta sua família trabalhando como catadora de papel. Apesar de todas as dificuldades, Carolina é uma mulher forte e acredita em um futuro melhor, seu maior sonho é se tornar escritora e sair da favela onde vive. Assim, ela escreve seu cotidiano e poesias, em um diário compilado, a partir de papéis que recolhe do lixo na metrópole de São Paulo.

Durante os 14 minutos de duração do filme, é narrada a história de Carolina. Desde o final dos anos 50, quando ela escrevia seus diários, até o momento em que a autora é “descoberta” pelo repórter Audálio Dantas e tem seu livro *Quarto de despejo* publicado em 13 idiomas, em mais de 40 países, o que lhe possibilitou alcançar um grande sucesso, porém, momentâneo. O filme também retrata como a autora foi, depois de pouco tempo, quase totalmente esquecida pela imprensa, a ponto de permanecer pobre até o dia de sua morte.

Todo o roteiro da obra foi editado e organizado a partir de fragmentos da obra original de Carolina, conforme explica De (2005) em seu livro *Dogma da feijoada*: “Nós deveríamos buscar a edição perfeita para que o livro se transformasse em texto interpretado pela atriz”. Desejando alcançar este objetivo, também evitou-se incluir no roteiro falas de outros personagens além de Carolina, sobrando espaço apenas para algumas falas de sua filha Vera Eunice.

É interessante notar o esforço do roteirista e cineasta Jeferson De em manter um diálogo constante com obra-fonte, com o foco em Carolina e suas palavras, mesmo quando é sabido que as adaptações são autônomas, não necessariamente precisam ser idênticas à obra original. Como destaca Hutcheon (2013, p. 45) “Qualquer que seja o motivo, a adaptação, do ponto de vista do adaptador, é um ato de apropriação ou recuperação, e isso sempre envolve um processo duplo de interpretação e criação de algo novo.” Se trata-se, da criação de algo novo, o adaptador tem, então, a possibilidade de reinventar a obra à sua maneira, não se trata de um trabalho limitador do texto original, mas de uma maneira de expandir os significados deste. Entretanto, no caso do filme Carolina (2003), optou-se por buscar essa fidelidade, o que é de grande relevância no sentido de preservar a maneira que Carolina se expressava como protagonista de sua história e a sua voz autoral.

Conclui-se, assim, que a escolha do diretor Jeferson De em manter os diálogos do filme em relação ao livro adaptado, se configura neste caso, como um meio de perpetuar a fala/escritura de Carolina Maria de Jesus como protagonista, ao mesmo tempo em que apoia-se em sua história original, que expõe um retrato trágico de uma realidade brasileira que persiste, mesmo depois de tantos séculos, a existir.

Pode-se, também, entender que o foco dado às palavras de Carolina, é uma forma de combater o silenciamento a que a personagem esteve submetida durante toda a sua vida, em decorrência do racismo, da exclusão social que a cercava. Portanto, é possível formular a hipótese de que ao manter o foco nas falas de Carolina, objetivou-se conceder à autora o seu próprio lugar de fala, em que ela é, juntamente com a atriz Zezé Mota, a protagonista da obra filmica, assim como ela é a protagonista em seu livro *Quarto de despejo* (2014).

5 O NEGRO NO CINEMA BRASILEIRO

O cinema surgiu na França, em 1895, com os irmãos Louis e Auguste Lumière, “Eles realizaram a primeira exibição pública de filmes em Paris, exibindo curtas-metragens como ‘A Saída da Fábrica Lumière’ e ‘Chegada de um Trem na Estação’ em 1895.” (Rocha, Laurindo e Silva, 2025, p. 286). Depois, o cinema foi se desenvolvendo rapidamente e ganhando técnicas de montagem, de imagem, com efeitos visuais e de trilha sonora. Passando de um entretenimento de grupos seletos a uma ferramenta de construção e difusão de conhecimento em massa, com diversas plataformas de streaming propagando a arte cinematográfica gratuitamente nos dias de hoje.

Atualmente, o cinema se configura uma ferramenta que influencia constantemente o pensamento e as ações dos indivíduos, permitindo ao espectador entrar em contato com pontos de vista e realidades diferentes da sua e conhecer novas histórias, mundos, saindo de seu cotidiano. No entanto, o cinema é ainda é influenciado pelas chagas sociais existentes, dentre elas, o machismo e o racismo. Nota-se uma pouca participação de personagens negros em toda a história do cinema brasileiro, e principalmente há uma falta de personagens mulheres negras como protagonistas, o que influencia negativamente no pensamento comum das pessoas, no surgimento de estereótipos racistas.

Apesar de que o Brasil é um país formado majoritariamente por negros, a representatividade negra nas artes e na cultura, comumente, é pouco valorizada, e quando há alguma representatividade, geralmente há também a presença de estereótipos. Isso está diretamente relacionado à influência que o racismo exerce sobre a arte, e por isso mesmo, se constitui uma estratégia de poder de dominação branca, pois, como destaca Almeida (2020, p. 75), “a supremacia branca é uma forma de hegemonia, ou seja, uma forma de dominação que é exercida não apenas pelo exercício bruto do poder, pela pura força, mas também pelo estabelecimento de mediações e pela formação de consensos ideológicos”. Uma vez que o cinema é uma ferramenta de compartilhamento em larga escala, ele pode também ser um propagador de ideologias racistas, quando não há a participação protagonista de negros falando a partir de suas perspectivas.

Na atualidade, ainda existem grandes dificuldades na inserção de personagens negros no cinema e na TV brasileira, pois ainda são instrumentos dominados majoritariamente por homens brancos, tanto nas direções dos filmes, como nas representações dos personagens. Dificilmente se vê um personagem protagonista negro, e principalmente uma mulher negra. Essa realidade é traduzida nos versos do poema *Visão* (2011), de Cristiane Sobral, quando afirma:

Tá faltando preto na televisão
Na Presidência
Na cabeça mestiça que sonha em ser branca
Do brasileiro (Sobral, 2011, p. 79).

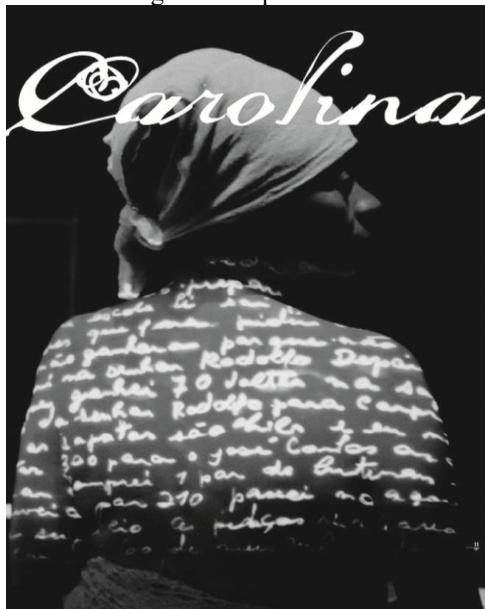
Os versos de Sobral (2011) apontam para uma realidade marcada pelo apagamento, onde os espaços de visibilidade e poder excluem o sujeito negro, tal como acontece na política e na TV brasileira, ambos os espaços sendo influenciados diretamente pelo racismo e influenciando os sujeitos, de maneira que há ainda uma negação da própria identidade quando, em um mundo onde há lugar de fala apenas para o branco, o negro se vê obrigado, muitas vezes, a se adequar ao modelo eurocêntrico. Como destaca Souza (2021),

Foi com a disposição básica de ser gente que o negro organizou-se para a ascensão, o que equivale dizer: foi com a principal determinação de assemelhar-se ao branco — ainda que tendo que deixar de ser negro — que o negro buscou, via ascensão social, tornar-se gente (Souza, 2021, p. 50).

A fala de Souza (2021) evidencia como o racismo estrutural no Brasil construiu um padrão de humanidade baseado no modelo colonial, tendo o branco como representação do ideal, de modo que, por vezes, o negro precisou negar traços de sua identidade para ser minimamente aceito. Diante de um Brasil onde paira o racismo, que tenta desestruturar identidade negra e busca sua invisibilização sistemática, a criação de um filme como *Carolina* (2003), de Jeferson De, é uma forma de dar voz aos artistas negros, permitindo-lhes dialogar livremente acerca de suas lutas e experiências acumuladas ao longo da história. Carolina afirma sua identidade em seu livro *Quarto de despejo* (2014) e, de mesmo modo, afirma sua identidade no filme *Carolina* (2003), que mostra por meio da delação entre a imagem e o texto escrito, a força das palavras dessa autora. Diante disso, torna-se fundamental, neste trabalho, analisar algumas cenas do filme *Carolina* (2003), o que será feito a seguir. Quando necessário, também serão retomados alguns excertos do livro *Quarto de despejo* (2014), a fim de desenvolver um diálogo entre as duas obras.

6 AS INSURGENTES NEGRAS PALAVRAS E IMAGENS

Imagen 1- Capa do filme



Fonte: Livro *Dogma da feijoada* (2005) de Jeferson. Créditos da imagem: Jeyne Stakflett

A imagem de capa do filme retrata de forma assertiva os objetivos propostos pelo diretor da obra que, como já mencionado, pretendeu dar todo o destaque à Carolina e suas palavras. Observa-se nessa figura que, enquanto há um fundo totalmente escuro, as palavras se sobressaem refletindo a arte de (re)existência cravadas na pele negra da escritora/atriz Zezé Motta.

Dessa maneira, a imagem permite afirmar que as palavras de Carolina são parte de si mesma, assim como, também, se tornam possíveis luzes que teimam em brilhar naquele ambiente de escuridão. Pois, foi por meio das palavras que a escritora construiu o seu espaço de fala na sociedade e foi, também, a escrita que lhe permitiu superar sua condição anônima de ser, seus momentos de profundos sofrimentos e de fome.

Para Galvão (2017, p. 2) “A narrativa de Carolina ‘localiza-se’ mais propriamente como uma escrita da ‘vida’. E, de fato, é uma escrita na qual possibilitou-se viver, mesmo quando a vida lhe causava angústia e dor. Como ela mesma afirmou certa vez em uma entrevista: “Quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar eu escrevia. Tem pessoas que, quando estão nervosas, xingam ou pensam na morte como solução. Eu escrevia o meu diário” (Jesus, 2014, p. 195). Dessa maneira, notase também, que a escrita era para Carolina como uma boia de sobrevivência diante dos momentos de sofrimento, lhe permitindo, mesmo que por momentos, resistir a nefasta realidade que a rodeava.

Com exceção de algumas cenas em que são resgatadas imagens da própria Carolina, o desenrolar da narrativa filmica se dá na dramatização realizada por Zezé Motta/Carolina. Tudo acontece dentro de um mesmo cômodo, que representa o quarto onde Carolina vivia com seus três

filhos. Nesse cômodo aparece uma mesa com papéis e caneta, onde diariamente a escritora escrevia seus diários. Há, também, algumas cenas em que predomina o silêncio que, de certa maneira, revela a solidão vivida pela escritora e seus filhos na favela do Canindé.

6.1 SEQUÊNCIA 1- ANJOS

Imagen 2 - O sonho. Atriz Zezé Mota interpretando Carolina Maria de Jesus



Fonte: *Printscreen* obtido a partir do filme *Carolina* (2003), na plataforma Vídeo, 2016.

Na primeira sequência, intitulada “Anjos”, Carolina conta sobre um sonho que teve. Nesse sonho, a autora surgia como um anjo que usava um longo vestido e transitava da terra para o céu. Ela podia também tocar as estrelas e conversar com elas. Havia ainda um espetáculo, onde as estrelas dançavam ao seu redor, formando um raio luminoso.

Nota-se nessa parte do filme, a forma poética com que Carolina às vezes pensava, bem como a fantasia criada inconscientemente por ela em seus sonhos, para fugir da realidade sofrida de sua vida. Os sonhos sempre foram uma forma de estabilizar suas emoções nos momentos de dor, como pode-se ver no seguinte fragmento de seu livro: “Eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso: Faz de conta que eu estou sonhando.” (Jesus, 2014, p. 29). Nota-se aqui, duas situações inversas. No trecho do livro, Carolina se esforça para esquecer da vida difícil que leva, fazendo dela uma fantasia, um sonho, de modo que a própria vida se configura, neste caso, como um pesadelo, mostrando também que a autora tinha esperança de acordar em uma realidade melhor. Em contrapartida, na cena do filme ela demonstra prazer em resgatar as memórias de seu sonho, por isso tem um semblante alegre, como mostrado na imagem acima.

Entre a primeira sequência e a segunda, o filme mostra a cena de um cortejo fúnebre de uma mulher negra, o que retrata as milhares de vidas negras perdidas diariamente pela fome e pela invisibilidade social. A cena é acompanhada por uma música dolorosa, impactante, o que causa horror ao espectador ao mesmo tempo em que desperta sua atenção para a realidade das favelas.

Imagen 3 - O cortejo



Fonte: Printscreen obtido a partir do filme *Carolina* (2003), na plataforma Vídeo, 2016.

A cena do cortejo novamente dialoga com algumas passagens do livro, que mostram a intensidade do sofrimento dos moradores da favela por causa da fome. No excerto a seguir, Carolina presencia, com profunda tristeza, uma situação em que um jovem se vê, obrigado pela fome, a catar restos de carne do lixo para comer. Carolina aconselha o homem a não comer as sobras de alimento, mas não consegue impedir-lo e, por consequência disso, ele acaba morrendo por intoxicação.

Procurei convencê-lo a não comer aquela carne. Para comer os pães duros ruidos pelos ratos. Ele disse-me que não. Que há dois dias não comia. Acendeu o fogo e assou a carne. A fome era tanta que ele não pôde deixar assar a carne. Esquentou-a e comeu. Para não presenciar aquele quadro, saí pensando: faz de conta que eu não presenciei esta cena. Isto não pode ser real num paiz fertil igual ao meu [...] No outro dia encontraram o pretinho morto (Jesus, 2014, p. 40).

Essa situação revela a desigualdade estrutural entre o negro e o branco, bem como, a miséria em que vivem muitos brasileiros, no anonimato, à margem, sem emprego, sem escolaridade básica, sem alimento na mesa, necessidades básicas de subsistência. Essa passagem do livro *Quarto de despejo* (2014), em diálogo com a cena do cortejo fúnebre no filme *Carolina* (2003), lembra também a reflexão de Ribeiro (2020) sobre as consequências do silêncio, ela afirma:

A história tem nos mostrado que a invisibilidade mata, o que Foucault chama de “deixar viver ou deixar morrer”. A reflexão fundamental a ser feita é perceber que, quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida (Ribeiro, 2020, p. 42).

Assim, a publicação de *Quarto de despejo* em 1960, bem como a estreia de um filme como *Carolina* (2003), representa uma reivindicação da vida. Ao mesmo tempo, o filme *Carolina* atualiza para o espectador um cenário descrito na década de 1960, mas que é uma realidade latente, há em contraste dessa reivindicação à vida, uma sociedade que mata, tanto simbolicamente, pelo apagamento do negro, como fisicamente, como a sua morte física, pois o silêncio ocasiona a morte.

6.2 SEQUÊNCIA 2 - VERA EUNICE

Imagen 4 - Vera Eunice, interpretada por Gabrielly de Abreu



Fonte: *Printscreen* obtido a partir do Filme *Carolina* (2003), na plataforma Vímeo, 2021.

A segunda sequência do curta mostra o episódio do aniversário de Vera Eunice. Nesta ocasião, Carolina deseja poder entregar um presente a sua filha, no entanto, sua condição financeira mal lhe permite comprar o que comer. Assim, a personagem passa a remendar um par de sapatos retirados do lixo e, em seguida, os entrega à Vera. A cena permite uma reflexão acerca das dificuldades enfrentadas por Carolina enquanto cumpria seu papel de mãe, pois mesmo sem ter recursos suficientes para comprar um presente ideal para a filha, fez de tudo para ver a alegria de Vera, demonstrando o imenso cuidado e carinho que tinha com sua família.

Após entregar-lhe os sapatos, Carolina pronuncia, com um tom de voz consideravelmente baixo, as seguintes palavras: “Eu ponho o saco na cabeça e levo-a nos braços. Suporto o peso do saco na cabeça e suporto o peso da Vera nos braços” (De, 2005, p. 149)³. Essa fala da personagem revela sua imensa responsabilidade enquanto mãe e dona de casa. Por ser mãe solteira, Carolina era a única

³ O texto da cena foi consultado diretamente no roteiro do filme *Carolina* (2003), que está presente na obra *Dogma da feijoada: o cinema negro brasileiro* (2005), de Jeferson De. Por isso, citou-se “(De, 2005).

responsável por manter a casa e cuidar dos filhos, dependendo totalmente de seu trabalho, que era catar e vender papel.

6.3 SEQUÊNCIA 3 - A EMPREGADA

Imagen 5- Atriz Zezé Mota interpretando Carolina



Fonte: *Printscreen* obtido a partir do filme *Carolina* (2003), na plataforma Vímeo, 2021.

Na próxima sequência do curta-metragem, enquanto escreve seu diário, Carolina relembrava uma situação curiosa: durante uma conversa que teve com uma mulher, a escritora faz uma denúncia do racismo e presencia imediatamente uma reação negacionista. A conversa foi a seguinte:

Uma senhora que vinha ao meu lado disse-me:

– Na minha terra não se faz isso. O povo lá, é educado!

Onde é a terra da senhora?

– Suiça!

Eu disse-lhe que os brancos têm mais possibilidades na vida do que o preto. Que o preto é sempre posto de lado. Ela disse-me que é falsa convicção. Que a sua empregada é preta e que ela está contente com ela (De, 2005, p. 152-153).⁴

Nota-se nessa cena, algo muito comum no cotidiano brasileiro, a negação das pessoas em relação ao racismo e a desigualdade. Isso se deve, muitas vezes, pela falta de conhecimento do que realmente é o racismo e de como ele se estrutura na sociedade, ou quando se torna tão “naturalizado” que não é percebido. Costuma-se pensar que por existirem pessoas negras trabalhando o racismo não existe, mas é importante lembrar que a maioria das empregadas domésticas do país são pretas. Não por escolha, mas porque não lhes são oferecidas oportunidade que lhes permitam ocupar outros

⁴ Mais uma vez o texto da cena foi consultado a partir do roteiro do filme *Carolina* (2003), que está presente na obra *Dogma da feijoada: o cinema negro brasileiro* (2005), de Jeferson De. Por isso, citou-se “(De, 2005).

espaços e funções sociais. No caso dessa cena do filme, a negação do racismo aparece na atitude que a mulher tem de pensar que, por ter a sua assistente do lar, “empregada doméstica”, supostamente satisfeita com o trabalho que tem, isso seria evidência da igualdade entre brancos e negros, por isso afirma que “a sua empregada é preta e que ela está contente com ela”.

Há também nessa parte do diálogo, uma fala bastante racista por parte da mulher com quem Carolina conversa. Ela diz ter uma boa relação com sua empregada negra, provavelmente com a intenção de mostrar que não é racista, no entanto, tal comentário por si só já é um racismo (in)consciente, uma vez que transmite a ideia de que manter um bom relacionamento com uma pessoa negra funciona quase como um ato de heroísmo, pois seria algo incomum ou difícil de se fazer. Nesse contexto cabe mencionar a fala de Almeida (2020), acerca da definição do racismo e suas consequências sociais:

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam⁵ (Almeida, 2020, p. 32).

Como destaca Almeida ainda que essas práticas de racismo inconscientes pareçam inofensivas, elas contribuem para manter as hierarquias raciais, com uns sendo privilegiados, e outros permanecendo em desvantagens socialmente. É importante frisar que pensamentos como o da mulher que conversa com Carolina são bastante corriqueiros na sociedade atual e um dos principais motivos do racismo ainda continuar existindo, uma vez que é uma espécie de negação do problema.

6.4 O FIM DE UM FILME SEM FIM

Na última sequência do filme, são apresentadas algumas imagens históricas de Carolina, que retratam o sucesso temporário da autora após a publicação de *Quarto de despejo*, no ano de 1960. Dentre as imagens, é mostrada a seguinte:

⁵ O texto aparece em itálico no livro *Racismo estrutural* (2020), por isso, manteve-se a formatação original para preservar a fidelidade ao texto fonte.

Imagen 6 - Carolina Maria de Jesus



Fonte: *Printscreen obtido a partir do filme Carolina (2003), na plataforma Vídeo, 2021.*

A imagem acima mostra Carolina Maria de Jesus em um de seus raros momentos de reconhecimento, decorrentes da publicação de seu livro *Quarto de despejo*. O seu rosto discreto, o casaco que parece aconchegante e os brincos elegantes contrastam com a labuta que marcou toda a sua vida, à margem e, muitas vezes, sem o básico para comer ou vestir. Essa é a história mostrada no filme Carolina: a de uma mulher negra que é forte, potente, que é mãe, mas que enfrentou desafios severos durante a sua vida. Transitando entre a pobreza e o sucesso momentâneo. O a cena mostra o fim do filme *Carolina* (2003) com a sua ascensão temporária, mas também o seu fim de esquecimento, em meio a pobreza.

Embora o filme termine, a narrativa de Carolina continua, influenciando outras vozes negras a ecoarem em busca de justiça e reconhecimento. Pois, como destaca Sueli Carneiro, “Muita luta ainda existe pela frente, já que a batalha pelo reconhecimento e respeito à mulher negra ainda está no início” (Carneiro 2023, p. 167). É preciso, então, fazer ecoar as palavras de Carolina Maria de Jesus e de autores, atores e atrizes negras como protagonista cada vez. Portanto, na próxima seção deste trabalho, apresenta-se algumas sugestões para do uso do livro e do filme em sala de aula.

7 CAROLINA NA SALA DE AULA: PROPOSTAS DE USO DO LIVRO *QUARTO DE DESPEJO* E DO FILME *CAROLINA*

Como primeira sugestão, propõe-se uma atividade voltada à discussão do conceito de *escrevivência*, de Conceição Evaristo, estabelecendo uma relação com a escrita de Carolina, que pode ser aplicada desde as séries iniciais do Ensino Fundamental, como o 8º ano, até o 3º ano do Ensino Médio. A escolha por essa etapa do ensino se justifica pela maturidade já desenvolvida nos estudantes, o que possibilita discutir de forma mais profunda questões sociais como o racismo, o machismo e a

fome, temas presentes na obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014), de Carolina Maria de Jesus. Primeiramente, é interessante levantar em sala de aula, uma discussão a respeito do conceito de “diário” como um gênero textual, assim como do conceito de escrevivência, de Evaristo (2020), que afirma:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças (Evaristo, 2020, p. 30).

Discuta com os estudantes o que significa escrevivência. Para isso, algumas questões podem ser levantadas afim de conduzir a discussão:

1. O que muda quando nós mesmos contamos nossas histórias em vez de deixar que outros contem por nós?;
2. De que maneira a escrita de Carolina desafia as regras impostas à mulher negra de sua época?;
3. Ainda há, na nossa sociedade, o silenciamento de pessoas negras?;.
4. Como a escrita de Carolina pode influenciar ainda hoje na desconstrução do racismo?

Ao iniciar a discussão, ouça atentamente as respostas dos estudantes e, em seguida, mostre a eles que a escrita da vida de mulheres negras é, em si, um ato de romper com um silenciamento imposto a elas historicamente, e que, cada vez que uma mulher negra narra a sua vida, ela está continuando um trabalho iniciado por mulheres como Carolina, que desafiou os limites impostos pelo racismo e pelo machismo, escrevendo sua obra a partir do lixo, para ser ouvida. Mostre que a escrita diarística de Carolina se configura uma escrevivência e continua atual, contribuindo para dar voz à uma coletividade de mulheres negras que ainda são minorias em muitos espaços públicos, como as universidades e setores do mercado de trabalho.

A estratégia consiste em mostrar como Carolina utilizou o diário pessoal não apenas para produzir narrativas de seu dia a dia, mas também para encontrar e construir o seu lugar de fala em uma sociedade excludente e racista. Para complementar a discussão sobre escrevivência e diário, uma segunda sugestão é uma atividade para casa. Solicite que os estudantes escrevam durante alguns dias, anotações sobre seus sentimentos e reflexões. Pode ser um pensamento, um sentimento, um acontecimento do dia a dia que eles consideraram interessante, ou desejos que eles tiveram nesse período. Se eles se sentirem à vontade, podem compartilhar um trecho de suas anotações com a turma. O objetivo dessa atividade é incentivar a escrita diarística e o diálogo, o que pode ajudar os estudantes

a organizarem suas rotinas e a compartilharem seus sentimentos, além de desenvolverem habilidades de escrita.

A próxima sugestão consiste em levar o filme *Carolina* (2003) para a sala de aula, a fim de que se levante uma discussão sobre a história da mulher negra no cinema, bem como os diversos diálogos do filme em relação ao texto-fonte. Antes de iniciar o filme, comente com eles sobre como os personagens negros e, principalmente a mulher negra, ficou, durante muito tempo (muitas vezes ainda permanece) ausente dos espaços formativos e artísticos de nossa sociedade, devido ao racismo e ao machismo. Explique para eles que a construção do filme *Carolina* (2003) é um ato político de rompimento com a norma colonial e uma ferramenta de desconstrução de estereótipos, ajudando, também, a preservar a memória de Carolina Maria de Jesus.

Em seguida, explique brevemente aos estudantes o que é a adaptação e qual é o objetivo do curta-metragem *Carolina* (2003). Como analisado nas seções anteriores, o objetivo foi dar voz e protagonismo à personagem, deixar que ela aparecesse com destaque, como menciona (De, 2005, p. 145) “gostaria de que ela soasse só, em seu quarto miserável na Favela do Canindé em São Paulo, em 1955.” O filme parece ter sido construído para transmitir tanto o protagonismo de Carolina, quanto a sua solidão enquanto escreve seus diários e cuida, sozinha, de sua família.

Por fim, analise, juntamente com os estudantes, os efeitos audiovisuais que, como comentado neste trabalho, intensificam as emoções da narrativa, desenvolvendo a atmosfera de exclusão e destacando a força das palavras de Carolina, que surgem com resistência contra o silenciamento da mulher negra. Para finalizar essa atividade, solicite ao estudantes que escrevam um breve texto reflexivo, contendo suas impressões sobre o filme assistido e analisado para, em seguida, compartilhá-las com a turma. Para orientar a escrita, você pode sugerir algumas perguntas como:

1. Qual parte da narrativa filmica mais lhe chamou atenção? Por quê?;
2. Você concorda que os efeitos visuais intensificam os sentidos da narrativa de Carolina presente em *Quarto de Despejo*?
3. Que sentimentos são evocados pela música durante a exibição das imagens sobre o cortejo fúnebre e sobre a trajetória de Carolina? Essa junção de efeitos visuais e sonoros visa transmitir alguma mensagem sobre as consequências da exclusão da pessoa negra?

A atividade visa desenvolver nos estudantes a habilidade de analisar imagens de forma crítica, estimular a escrita e contribuir para a construção de uma sociedade antirracista, a começar pelo ambiente da sala de aula, que é um espaço formativo e de compartilhamento mútuo. A discussão do protagonismo negro também visa fortalecer a identidade negra dentro da sala de aula.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a leitura de alguns conceitos relacionados ao diálogo entre a linguagem cinematográfica e ao processo de adaptação do texto literário, verificou-se que se trata de um trabalho que não é meramente uma cópia do texto fonte, mas uma obra independente. Assim, a adaptação é um exercício intertextual que não tira em grau nenhum o prestígio da primeira obra, mas ao contrário, expande de forma criativa os significados do texto-fonte. Nessa perspectiva, este estudo se propôs a analisar o livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014), de Carolina Maria de Jesus, e sua adaptação para o cinema, o filme *Carolina* (2003), de Jeferson De, a fim de entender parte dos inúmeros diálogos entre as obras, considerando também a autonomia e particularidades de ambas as obras.

Também, buscou-se resgatar a memória e a identidade da mulher negra, obscurecida na história por uma sociedade racista e patriarcal. Nesse sentido, traçou-se um breve relato das biografias da autora do livro e do diretor do filme, a fim de que se conhecesse um pouco sobre suas histórias e, da mesma forma, contribuir para que outras pessoas os conheçam, a partir da leitura deste trabalho e de trabalhos posteriores.

Ademais, o presente estudo sobre a adaptação objetivou não somente a comparação entre o filme e o livro adaptado, mas também apontar, pelo exercício da análise, possíveis estratégias pedagógicas a partir das duas obras. Nesse sentido, constatou-se que o filme e o livro podem ser inseridos na sala de aula como uma forma de despertar o senso crítico dos estudantes a respeito de assuntos como o racismo e a exclusão social e, ao mesmo tempo, como um meio de possibilitar que os alunos conheçam o estilo de escrita de Carolina, principalmente, sobre a forma poética de seus textos e sua força expressiva.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA – pelo fomento a esta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

ARAUJO, E. Afinal Jeferson De. In: DE, J. (Org.). **Dogma da feijoada**: o cinema negro brasileiro. São Paulo: Imprensa Oficial; Cultura – Fundação Padre Anchieta, 2005. p. 13-16.

CARNEIRO, S. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2023.

CAROLINA. Direção: Jeferson De. Produção executiva: João Marcello Bôscoli, André Szajman, Cláudio Szajman. Produtora: Renata Moura. Trama Filmes. Brasil: 2003. **Vídeo**. 2016. Disponível em: <https://vimeo.com/174292663>. Acesso em 07 jul. 2025.

DANTAS, A. A atualidade do mundo de Carolina. In: JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014. p. 6-8.

DE, J. (Org.). **Dogma da feijoada**: o cinema negro brasileiro. São Paulo: Imprensa Oficial; Cultura – Fundação Padre Anchieta, 2005.

EVARISTO, C. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (Org.). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26 – 46.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasiliade. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/>. Acesso em: 09 jul. 2025.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FRANCISCANI, J. S. **A Mulher no Mercado de Trabalho e a Luta pela Valorização**. 2010. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração). Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis – IMESA; Fundação Educacional do Município de Assis – FEMA. Assis, 2010.

GALVÃO, A. M. de C. Carolina Maria de Jesus: sua escrita, sua vida. **Revista de História e Estudos Culturais**, [S. L.], v. 14, n. 2, p. 1-17, jul./dez., 2017. Disponível em: <https://revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/472>. Acesso em: 27 out. 2024.

GANZER, K. S.; SILVA, J. M. R. da.; HERMES, M. F. **A representação do negro no cinema brasileiro**. Belém. XX Congresso de Ciências da Comunicação Nacional. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2019.

GONÇALVES, M. A. Um mundo feito de papel: sofrimento e estetização da vida (os diários de Carolina Maria de Jesus). **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 21-47, jul./dez., 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832014000200002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/LMRLRGjBYPn5w3QQDbBT6y/?lang=pt>. Acesso em: 24 out. 2024.

HUTCHEON, L. **Uma teoria da adaptação**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014.

RACIONAIS MC's. Negro drama. In: Nada Como um Dia Após o Outro Dia. [S.l.]: Racionais MC's, 2003. Racionais TV. **You Tube**, 2017. 1 vídeo (6 min 53 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u4lcUooNNLY>. Acesso em: 8 jul. 2025.

RIBEIRO, D. **Lugar de fala**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

ROCHA, T. M.; LAURINDO, A. P.; SILVA, J. A. P. da. Da origem do cinema à inteligência artificial: oficina de leitura de imagens filmicas com enfoque CTS. **Revista Nova Paideia - Revista Interdisciplinar em Educação e Pesquisa**. Brasília, v. 7, n. 1, p. 283-303. Disponível em: <http://ojs.novapaideia.org/index.php/RIEP/article/view/376>. Acesso em 8 jul. 2025.

SOBRAL, C. **Não vou mais lavar os pratos**. Brasília: Ed. do Autor, 2011.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro, Zahar, 2021